

Comunicação, cotidiano e meio ambiente: interfaces teóricas e ativismos midiáticos

Communication, everyday life and the environment: theoretical interfaces and media activism

Comunicación, vida cotidiana y medio ambiente: interfaces teóricas y activismo mediático

Denise TAVARES¹
Luciana Miranda COSTA²
Myrian DEL VECCHIO-LIMA³

Essa edição é dedicada à memória de Chico Mendes, seringueiro, sindicalista e ativista político, que em 15 de dezembro deste ano completaria 80 anos se não tivesse sido assassinado em 22 de dezembro de 1988, sendo que seus assassinos confessos cumpriram pouco mais de seis anos de prisão (Abbud, 2024, s/p).

Quando foi discutida a proposta deste dossiê, o país ainda não estava em chamas, como neste momento em que ele é publicado. Apesar da situação não ser exatamente uma novidade, a ampliação dos focos de incêndio e da devastação, combinada com um período climático intensamente seco em praticamente todas as regiões do Brasil – à exceção, mas não contínua, do Rio Grande do Sul – provocou, finalmente, uma reação de boa parte da sociedade no sentido de compreender que a

¹ Professora do Departamento de Comunicação Social e do PPG Mídia e Cotidiano, ambos da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: denisetavares51@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5692-7356>.

² Professora do Departamento de Comunicação Social e do PPG em Estudos de Mídia, ambos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutora em Ciências: desenvolvimento socioambiental (UFPA). E-mail: Luciana.miranda@ufrn.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3843-4499>.

³ Professora do Departamento de Comunicação Social; do PPG Meio Ambiente e Desenvolvimento; e do PPG em Comunicação, os três da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR) E-mail: myriandel@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1833-2332>



crise climática é, de fato, uma realidade urgente a ser enfrentada. O cenário, obviamente, amplia a força do que foi realçado na primeira frase da chamada deste dossiê, que destacava a urgência de se desenvolver uma compreensão da própria área da Comunicação, em relação a seu papel no âmbito desta tríade formada pela ciência, meio ambiente e crise climática, diante de uma situação considerada praticamente irreversível pelos especialistas que se debruçam sobre o tema.

A partir desta asserção, a expectativa da revista *Mídia & Cotidiano*, por meio do dossiê “Comunicação, cotidiano e meio ambiente: interfaces teóricas e ativismos midiáticos”, esperava receber artigos inéditos que buscassem contribuir para o enfrentamento das problemáticas socioambientais que já se tornaram crônicas e sistêmicas em todos os pontos do planeta. A proposta visava textos que apresentassem resultados de pesquisas e debatessem as potencialidades da Comunicação Ambiental – e suas derivações, considerando, especialmente, o cenário midiático e a produção de sentidos, imaginários e engajamentos na percepção da atual crise ambiental; os ativismos e net-ativismos no enfrentamento de riscos socioambientais; os processos e produtos midiáticos na constituição de uma nova sensibilidade ambiental; a mídia e o debate sobre a preservação ambiental e biodiversidade em uma geografia pactuada pelo violento processo colonial (problematizado à luz das questões de gênero, raças etc.) e, finalmente, as inovações teóricas e empíricas no campo da Comunicação e Meio Ambiente.

O retorno dos e das colegas confirmou nossas expectativas quanto ao volume e qualidade de contribuições, além de alargar, de certo modo, o espectro temático proposto. Tanto assim, que foi necessário ampliar a média histórica de artigos de dossiês temáticos da *Mídia e Cotidiano*, sob o risco de não se publicar trabalhos que, de fato, expressam o envolvimento da área nesta temática que, objetivamente, envolve a sobrevivência das espécies – humana incluída – e do planeta, diagnóstico que não pode mais ser apontado como alarmista, pelo contrário. Enfim, por essas e outras questões correlatas, a Revista *Mídia e Cotidiano* considera altamente positivo conseguir promover, com esse dossiê, o exercício de um pensamento crítico e ativo sobre comunicação, cotidiano e meio ambiente, em interface com as mais diversas áreas do conhecimento.

Trata-se, portanto, de publicar um conjunto de artigos que articula mobilizações teóricas a ações que não ignoram o quanto as desigualdades sociais e econômicas



atuais são resultantes de um processo histórico eurocêntrico e excludente, vigente até hoje. Outro aspecto relevante, e que explicita também os principais focos da crise ambiental no país, é a convergência de pautas o que permitiu agrupar os artigos e dividi-los em três subtemas, sendo que há atravessamentos, em função do próprio perfil interdisciplinar da Comunicação e Informação: mudanças climáticas e queimadas na pauta midiática; jornalismo, ciência e justiça ambiental e, por último, mídia e crise ambiental: o Rio Grande do Sul submerso.

A estratégia facilita não só estudos mais focados nos interesses dos leitores, como entrelaça, de certo modo, os próprios textos, contribuindo para uma visão mais sistêmica de cada grupo. Além disso, reafirma a trágica importância e o impacto social e econômico que as inundações em todo o estado do Rio Grande do Sul provocaram no país, bem como a força devastadora que as imagens do Brasil em chamas, particularmente a região Amazônica, provocam. Também, e não menos relevante, mostra o quanto o exercício da profissão de jornalista e o próprio papel do jornalismo são colocados sob justa tensão quando boa parte da sociedade compreende e debate a necessidade de justiça ambiental.

Enfim, com essa abordagem, o dossiê inicia com o artigo *A Influência dos Valores na Percepção da População Brasileira sobre as Mudanças Climáticas*, que analisa a percepção de brasileiras e brasileiros em relação às mudanças climáticas, a partir de dados de uma *survey* nacional, realizadas por entrevistas presenciais em todo o Brasil. O texto foi escrito por uma equipe de seis pesquisadores – Yuriy Castelfranchi, Ione Maria Mendes, Vanessa Fagundes, Luisa Massarani, Ildeu Castro Moreira e Carmelo Polino – e entre os resultados que merecem ser destacados é a percepção atual de que a crise climática é real, provocada pela ação humana e que vai prejudicar, muito, as próximas gerações. Outras indicações dos resultados dessa investigação são a persistência e causas do negacionismo, o que permite – ou, pelo menos, espera-se que seja assim – construir caminhos para reverter tais crenças. O que não é tão simples, como é possível dimensionar a partir de *Discurso embaçado: a temática ambiental segundo a Brasil Paralelo*.

Escrito por Natalia Leite Lima, Danielly Bezerra dos Santos e Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes, o artigo foca o documentário “Cortina de Fumaça”, uma produção que tem sido bastante estudada na área e que aqui é discutida pela perspectiva deontológica do jornalismo. Em outras palavras, as autoras procuraram



identificar quais características do jornalismo tradicional foram acionadas nesta narrativa, como estratégia argumentativa para corroborar as suas análises e proposições. Para o trio, é o argumento de autoridade a principal “arma” de convencimento, o que traz para a cena um personagem comum do jornalismo tradicional: o especialista, seja ele profissional ou acadêmico.

Já o terceiro artigo do dossiê, intitulado *A produção de sentidos sobre as queimadas na Amazônia e a preservação ambiental*, cujos autores são Taynara Sanches e Tiago Mainieri, traz um estudo de recepção focado no ambiente corporativo. O objetivo dos autores, com este recorte, foi debater o impacto que matérias (jornalísticas ou não) sobre as queimadas na Amazônia veiculadas pelo programa dominical *Fantástico*, da Rede Globo, teria, sobre um grupo que tem convivência profissional cotidiana. A escolha, de acordo com os autores, permitiu observar como as subjetividades podem ser formadas, tanto em termos individuais como coletivos, e como há um processo de significação e ressignificação das informações e reflexões consumidas via mídia.

No texto seguinte *Narrativas ambientais ativistas: convergências entre jornalismo independente e etnomídia indígena*, de autoria de Amanda Grzyb, André Wolmer de Melo e Pedro Martins, voltamos nossa atenção para a busca por uma comunicação ambiental engajada, capaz de enfrentar a atual crise ambiental. A partir de duas práticas ativistas de perfil contra-hegemônico – o jornalismo ambiental independente e a etnomídia indígena –, somos convidados pelos autores a identificar o potencial de acionamento de pautas e temas que tratam a questão ambiental sob um olhar crítico e transformador. Desta forma, trazendo conceitos como justiça ambiental, violência lenta, ambientalismo dos pobres e narrativas contra-hegemônicas, a partir da compilação de uma literatura atualizada e abrangente, somos levados a conhecer uma produção ambiental jornalística independente que, ao lado de uma etnomídia indígena, carrega elementos representativos de críticas sociais, geralmente ignoradas pela mídia *mainstream*, de populações vulneráveis que sofrem diretamente os impactos dos problemas ambientais.

Já o artigo *Comunicação em defesa dos territórios: reflexões a partir de uma rede de rádios na Amazônia*, de autoria de Rosa Luciana Rodrigues e Rosane Steinbrenner, nos possibilita uma imersão metodológica e temática sobre a região. A pesquisa percorre sete estados (Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Pará, Rondônia e



Roraima) com foco em um jornal radiofônico, o *Jornal Amazônia é Notícia* (JAN), produzido por uma rede alternativa de comunicação na Amazônia brasileira: a RNA (Rede de Notícias da Amazônia). São 20 emissoras de rádio ligadas à Igreja Católica que se uniram para abordar assuntos relacionados aos territórios amazônicos e seus povos e que, a exemplo do artigo anterior que citamos, permanecem pouco contemplados pela mídia hegemônica. O destaque é dado para a diversidade das fontes e temas contemplados nas 50 edições analisadas do noticiário da RNA. A análise encontra suporte em conceitos da economia política e da comunicação decolonial, nos instigando a refletir sobre processos descolonizadores da comunicação na defesa dos territórios.

Fechando este segundo bloco, o artigo do professor Wilson Bueno da Costa, pesquisador pioneiro nos estudos sobre comunicação e meio ambiente no país, intitulado *A contribuição dos grupos de pesquisa em jornalismo ambiental para o combate ao negacionismo no Brasil*, nos apresenta um vasto e atualizado panorama das pesquisas realizadas na área. Com foco nos grupos de pesquisa em Jornalismo e Comunicação Ambiental cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, o autor demonstra a valiosa contribuição desse conjunto de investigações para a consolidação de conceitos e para qualificação da cobertura jornalística referente à temática ambiental, assim como para a formação de novos profissionais e pesquisadores. O trabalho desses 17 grupos, conforme ressalta o autor, aponta para um processo de consolidação de estudos sobre comunicação e meio ambiente no país. O artigo destaca ainda, os focos temáticos que definem as 51 linhas de pesquisa, além da extensa produção acadêmica e as atividades de seus 29 líderes.

O artigo *Desafios do jornalismo e dos jornalistas no enfrentamento da crise climática: combate aos problemas socioambientais do RS no JN*, de autoria de Beatriz Becker, Jéssica Botelho e Agostinho Viera, abre o terceiro e último bloco desse dossiê, que abriga quatro artigos voltados para o acontecimento climático extremo, em maio de 2024, no estado gaúcho. Com base teórica assentada no jornalismo ambiental e na corrente da *News Literacy*, o primeiro artigo desse bloco adentra ao tema pela via da cobertura jornalística do telejornal de maior audiência do país, o *Jornal Nacional*, da TV Globo. De base empírica, os autores se inserem nos estudos sobre o papel do jornalismo diante da emergência climática e além da análise da cobertura televisiva, sustentam suas interpretações com base nas falas de 15 profissionais da área, coletadas



em entrevistas. A leitura nos faz compreender que, embora cercado por desafios inerentes à sua profissão, os jornalistas de diversas mídias compreendem suas “responsabilidades e potencialidades” no enfrentamento diário às questões socioambientais e, em especial, à desinformação.

Katarini Giroldo Miguel e Alíria dos Santos Aristides assinam o artigo *Narrativas conectadas: possibilidades do jornalismo ambiental transmídia na crise climática* que também se insere na seara do papel do jornalismo ambiental diante dos desarranjos intensos do clima. As autoras escolheram a perspectiva da transmidialidade para examinar essa possibilidade interativa em narrativas imersivas que, mais uma vez, informam e contextualizam sobre a tragédia gaúcha de 2024. O Greenpeace Brasil é o ator ativista sobre o qual recai a observação das pesquisadoras: suas publicações postadas no site e no Instagram são o objeto em análise. Segundo Miguel e Aristides o potencial transmidiático na mobilização dos temas sobre meio ambiente e clima tem sido reelaborado por elas, com frequência, como uma hipótese. E o conceito de justiça climática, presente nas narrativas conectadas do Greenpeace sobre o desastre do RS, é apontado no texto como “pertinente” para integrar experiências jornalísticas em construção.

Na sequência de textos que examinam desastres climáticos do Rio Grande do Sul, o artigo *Os testemunhos na cobertura de um desastre socioambiental: papéis e potências para uma nova sensibilidade* volta-se para um município gaúcho em particular: Muçum enfrentou em 2023 a passagem de um ciclone extratropical. Para problematizar o fato, Josemari Quevedo e Márcia Franz Amaral se debruçaram sobre as fontes jornalísticas de dois jornais do estado – *Zero Hora* e *Correio do Povo* – de forma a entender como tais fontes foram convocadas; a análise avança sobre as citações literais das testemunhas encontradas nas matérias jornalísticas, organizadas em categorias. Para as autoras “os testemunhos compensam o fato de o jornalista não estar no local e reconstituem o acontecimento, ao mesmo tempo que demonstram as emoções sentidas pelos afetados”. Há o entendimento das pesquisadoras de que testemunhos podem se constituir como estratégias para gerar audiência e apresentam potencial político para sensibilizar o público diante das consequências de desastres socioambientais.

Encerra esse bloco e o dossiê dessa edição o artigo de Anelise de Carli, Marcelo Bergamin Conter e Camila Proto *Quando Gaia irrompe no congresso: enchentes no*



RS e narrativas do Antropoceno e apesar dele. Aqui, como resultados iniciais de uma investigação coletiva sobre narrativas do Antropoceno, os autores relatam como o evento climático extremo, vivido pelos gaúchos interferiu no que seria uma apresentação para um congresso acadêmico. Diante da situação de desastre socioambiental, a produção de pesquisa aqui apresentada passa a refletir sobre a urgência de aprimoramento da cobertura jornalística, voltada para incrementar o debate de soluções e adaptações para lidar com a emergência climática. Ou seja, a proposta original deu lugar ao que os três autores consideram ser um “compromisso cívico”: o dos jornalistas e pesquisadores olharem para o que está acontecendo, para o presente, em tempo real. Isso resultou em um interessante apontamento de aspectos do imaginário em jogo nas mudanças climáticas.

Já a Seção Livre conta com quatro artigos que dialogam com o universo da imagem e do consumo. Em uma abordagem que relaciona a fotografia de Lola Akinmade, artista nigeriana ganhadora de inúmeros prêmios internacionais, e o conceito de comunicação de Muniz Sodré, Ana Rita Vidica, Maurícia Reis Araújo e Pollyanna de Oliveira Brito Melo colocam a questão dialógica como central na forma como se reage com a obra fotográfica. Em *O projeto íntimo de Lola Akinmade e o conceito de comunicação de Muniz Sodré: cruzamentos possíveis*, os autores notam que, para além do suporte e do trabalho com a câmera, a maneira como os vínculos criados entre a fotógrafa e as pessoas retratadas em suas obras atravessa os corpos dos envolvidos e são mediados pela lente que capta, através de diversos retratos, momentos que saem do instante que buscamos comumente nas fotografias, registrando o que há de comum entre nós. “É na partilha, na fusão entre o eu e o outro, que o conceito de comunicação (ser-em-comum) acontece (Sodré, 2014)”, citam os autores. Os instantes fotográficos atraem olhares para o outro, colocando-nos de maneira afetiva e criando um espaço de intimidade que permite um vínculo comunicacional propriamente dito, concluem a autoria do artigo.

Enquanto isso, em *Do céu ao inferno com os Fradinhos do Henfil: uma análise sociossemiótica multimodal*, texto de Antonio Hohlfeldt e Vinícius Zuanazzi, temos uma discussão que parte da sociossemiótica multimodal para pensarmos sobre os desenhos de Henfil, artista que sempre criticou o moralismo presente na sociedade. A busca dos autores neste estudo estava em compreender os anseios políticos presentes nos traços henfilianos, com seus traços agressivos que expressavam seu cotidiano. A



partir da clássica tira de Henfil *Os Fradinhos*, Hohlfeldt e Zuanazzi notam como as personagens da história “atuavam sob um prisma de ataque aos fantasmas da classe média e seus costumes”, ainda que não se trate dos personagens mais políticos do artista. Cumprido e Baixinho são uma dupla que representa os opostos socialmente estabelecidos na realidade brasileira da época (da ditadura militar), o primeiro reunindo características dos defensores do regime, o segundo sendo uma caricatura dos opositores.

O trabalho intitulado *Caminhos teórico-metodológicos para pesquisar comportamento ético no processo decisório de profissionais de publicidade* apresenta um quadro sobre a questão ética no trabalho de publicitários: ora, como pensar nos movimentos contemporâneos em que a publicidade necessita se reinventar enquanto setor. Propondo-se como um trabalho metodológico, Fábio Hansen e seus colegas de pesquisa trilham percursos que contribuem para uma reflexão sobre a própria prática publicitária. O principal objetivo é oferecer uma visão sobre a área no Brasil, identificando dilemas e complexidades atreladas aos seus processos produtivos. Os autores querem reafirmar “a importância do processo de construção dos métodos, pois a criação do protocolo [idealizado por eles] mudou a nossa forma de pensar e projetar a construção dos observáveis em um empreendimento investigativo”.

O artigo que fecha os artigos da Seção Livre é intitulado *Reflexões acerca da remediação no consumo de experiência na Comic Con experience*, de Leonardo Soares da Silva. Seu trabalho de cunho etnográfico traz uma análise sobre o consumo de experiência na Comic Com Experience, evento que acontece em São Paulo. A proposta visa articular uma sorte de conceitos que estão atrelados às afetividades, sociabilidades e ritualidades vivenciadas aos momentos que antecedem ao evento. Com interlocutores que utilizam sua visão como espectadores de produções audiovisuais seriadas, livros e histórias em quadrinhos, as paixões que refletem um imaginário coletivo são registradas por Silva a partir dos efeitos da remediação, já que esses fãs são atravessados por narrativas que eram lidas por diversas mídias, algo que, segundo o autor, faz parte da cultura pop.

Por último, encerrando a edição, temos a entrevista com Paola Ricaurte-Quijano que apresenta sua trajetória de pesquisa, destacando, especialmente, sua experiência como pesquisadora feminista que foca suas investigações nas tecnologias contemporâneas, tais como os processos de dataficação e algoritmos de recomendação.



Afirmando que seu lugar de enunciação é o sul global, isto é, alguém que se posiciona criticamente em relação ao histórico de opressão dos continentes que o integram, ela discute os significados e desafios que essa posição traz no campo da ciência e tecnologia. Assumidamente antirracista, Paola Ricaurte-Quijano, na entrevista, aborda os projetos atuais em que ela e parceiros latino-americanos estão envolvidos, ressaltando um duro caminho que as mulheres enfrentaram e ainda enfrentam para desenvolverem seus estudos, mas que é preciso comemorar as conquistas atuais, quase todas fruto de movimentos coletivos.

E assim concluímos essa edição em um momento que vale ressaltar a urgência de um movimento global para o enfrentamento da destruição do planeta, neste momento muito visível a partir das consequências das mudanças climáticas provocadas pelo antropoceno ou, mais especificamente, como afirmam parte dos que se debruçam sobre a crise ambiental, pelo capitoceno, entendendo que a terminologia “não significa capitalismo como sistema econômico e social. Não é uma inflexão radical da Aritmética Verde. Em vez disso, entende o capitalismo como uma maneira de organizar a natureza – como uma ecologia-mundo multiespécie, situada e capitalista” (Moore, 2022, p. 20). *Que seja uma boa leitura!*

Denise Tavares, Luciana Miranda Costa e Myrian Del Vecchio-Lima (Ed. Seção Temática)

*Adriana Barsotti, Ana Paula Goulart de Andrade,
Larrissa Moraes e Pedro Henrique dos Santos (Ed. da Seção Livre)*

Referências:

ABBUD, Bruno. A nova vida velha do homem que confessou ter matado Chico Mendes. **Jornalismo do Centro do Mundo**, 27 de maio de 2024. Disponível em: <https://sumauma.com/a-nova-vida-velha-do-homem-que-confessou-ter-matado-chicomendes/#:~:text=H%C3%A1%2034%20anos%2C%20Darci%20e,de%20seis%20anos%20na%20cadeia> (Acesso em 31 de maio de 2024).

MOORE, Jason W. Introdução. In MOORE, Jason W. (Org). **Antropoceno ou Capitoceno?** – Natureza, história e a crise do capitalismo. São Paulo: Elefante, 2022, p. 13-26



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.